

## RESENHA/REVISIÓN/REVIEW



## PERSPECTIVAS NO ESTUDO DO SIGNIFICADO

PERSPECTIVAS EN EL ESTUDIO DEL SIGNIFICADO

PERSPECTIVES IN THE STUDY OF MEANING

ROMERO, Márcia; GOLDNADEL, Marcos; RIBEIRO, Pablo Nunes; FLORES, Valdir do Nascimento. *Manual de Linguística: Semântica, pragmática e enunciação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

Resenhado por

**Luisandro Mendes de Souza\***  
Universidade Federal do Paraná

A obra objeto da presente resenha faz parte da *Coleção Linguística*, editada e organizada por Sérgio Menuzzi e Gabriel de Ávila Othero, ambos professores na Universidade Federal do Rio Grande de Sul. A coleção já publicou trabalhos originais, como a edição revista e atualizada da *Gramática Descritiva do Português Brasileiro* de Mário Perini (2016), e manuais introdutórios, como o

---

\* Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor Adjunto no Departamento de Literatura e Linguística, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná. E-mail: [luisandro@ufpr.br](mailto:luisandro@ufpr.br).

organizado por Schwindt (2014), *Manual de Linguística: fonologia, morfologia e sintaxe*, e o escrito por Márcia Cançado e Luana Amaral (2016), *Introdução à Semântica Lexical*. Nesse contexto, o livro aqui resenhado é um bom complemento a uma coleção que tem crescido com publicações de linguistas nacionais que são referências em suas áreas, atualizando a bibliografia de várias áreas da linguística nacional, inclusive com reedições, caso da excelente iniciativa de produzir uma edição comentada do clássico *Estrutura da Língua Portuguesa*, de Joaquim Mattoso Câmara Jr.

Os autores são especialistas nos temas de seus respectivos capítulos. Pablo Ribeiro é semanticista com tese e artigos publicados na área da Semântica Lexical e atualmente é professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Marcos Goldnadel é pragmaticista, com estudos sobre pressuposição e negação, e professor no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Valdir do Nascimento Flores trabalha com Semântica da Enunciação e é um dos principais estudiosos da obra de Émile Benveniste no Brasil. Publicou nos últimos anos alguns livros sobre o tema, como *Problemas gerais de linguística* (2019) e *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste* (2014). Leciona no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Márcia Romero é professora na Universidade Federal de São Paulo, no Departamento de Educação. Possui extensa produção científica sobre a Teoria das Operações Enunciativas, Enunciação e a aplicação das ideias dessas abordagens no ensino de línguas, incluindo a organização de livros, como Romero e Biasotto-Holmo (2011), *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*.

O livro se divide em três partes. A primeira trata de Semântica Lexical, a segunda de Pragmática e a terceira de Enunciação. Na distribuição dos temas vemos um desequilíbrio entre eles, pois embora tenha três partes, Pragmática e Enunciação são as partes mais extensas. Nesse sentido, uma ausência no livro é um capítulo sobre Semântica Referencial, abordagem que dialoga estreitamente com a Pragmática e com a Semântica Lexical.

O capítulo inicial apresenta a teoria de Semântica Cognitiva cujo principal mentor é o linguista americano Ray Jackendoff. Desde os anos 1980, Jackendoff vem desenvolvendo uma abordagem de semântica, de cunho mentalista, que tem se mostrado bastante produtiva para o estudo da semântica verbal, especialmente da estrutura argumental e dos papéis temáticos. Pablo Nunes Ribeiro apresenta com clareza os conceitos básicos da teoria, como os predicados primitivos e a aplicação desses predicados no estudo de diferentes classes de verbos (como DO, GO e BECOME, que se aplicam a verbos de ação, movimento e mudança de estado, respectivamente). Com notas e exemplos, o autor, sempre que necessário, contrasta a abordagem discutida com outras paralelas, como a Semântica Referencial e a Gramática Gerativa.

O capítulo se concentra em verbos de modo de movimento, como *dançar, se contorcer, girar, tremer* etc., cuja particularidade é envolverem movimento, mas não deslocamento espacial; e verbos incoativos e de mudança de estado, como *esfriar, se tornar* etc., que seriam problemáticos para a teoria por não serem passíveis de análise através dos predicativos primitivos assumidos como básicos. O autor mostra que esses verbos podem ser analisados sem a assunção de um novo predicado através de uma leitura metafórica de predicados usados para tratar de movimento, como GO e TO.

O capítulo também traz uma discussão importante sobre a relação entre papéis temáticos e sua codificação sintática. Uma generalização expressa na literatura através de hierarquias temáticas é que, se um verbo possui dois argumentos, sendo um deles agente e outro paciente, a tendência é que o agente seja realizado como sujeito e o paciente como objeto. Esse quadro fica mais complexo quando outros papéis entram em jogo, como tema, beneficiário, lugar, origem, experienciador, etc., como bem mostra o autor.

O capítulo seguinte trata de Pragmática, definida pelo autor como a área da Linguística que “estuda o significado em uso”. Sendo mais específico, Marcos Goldnadel afirma que vai tratar de fenômenos que formam hoje um conjunto estabelecido de problemas com que a área lida, especialmente “vários fenômenos de acréscimo inferencial de sentido linguístico de diversas ordens”. O capítulo inicia apontando os limites da análise estruturalista da linguagem e em seguida parte para distinguir os conceitos de Sentença, Enunciado e Proposição, ao mesmo tempo em que traça alguns limites entre a análise semântica e a pragmática. Nessa seção, os conceitos nos ajudam a entender que em muitos casos só chegamos ao conteúdo proposicional após a consideração de elementos dêiticos (pessoa, tempo e espaço).

A seção seguinte trata do reconhecimento de intenções. Esse reconhecimento se mostra útil quando analisamos atos de fala, cuja interpretação adequada depende essencialmente da consideração de características contextuais não manifestas na superfície linguística. Assim, o problema do ponto de vista da pragmática é entender como o ouvinte é capaz de reconhecer a intenção do falante para atingir a interpretação adequada do enunciado na situação em que estão inseridos. Goldnadel discute esse problema usando a noção de “intenção informativa” de Sperber e Wilson (1995), que ele afirma estar relacionado ao que Grice chama de “significado não natural” no artigo *Meaning* (1989).

A exposição das ideias de Grice é feita na seção que se segue, onde são exploradas as ideias do clássico *Logic and Conversation* [republicado em Grice (1989)]. Como Grice deixa claro logo nos parágrafos iniciais, seu interesse reside em processos inferenciais que não podem ser reduzidos às leis tradicionais da lógica clássica, embora também possuam uma certa “lógica”, uma lógica conversacional com leis próprias.

O texto do filósofo é essencialmente a apresentação dessas leis e exemplos de como elas podem ser usadas na compreensão de uma série de processos inferenciais que ele vai chamar de implicaturas. O Princípio da Cooperação e as Máximas, para o autor, são como “imperativos da interpretação”, “algo de que ninguém poderia esquivar-se, nem mesmo se quisesse” (p. 114). Goldnadel, então, apresenta as Máximas da Qualidade, Relação e Quantidade e fornece exemplos ilustrativos, extensamente discutidos – uma qualidade didática óbvia do capítulo. Contudo, uma ausência não justificada na seção é a discussão da Máxima do Modo.

O capítulo finaliza com uma discussão sobre implicaturas particularizadas e generalizadas e *commom ground*. Grice afirma que algumas implicaturas surgem sempre, independentemente de fatores discursivos. É o que ocorre com o quantificador *alguns*, em *alguns políticos são honestos*. Tendemos a inferir desse enunciado que ele também declara que *alguns políticos não são honestos*. Como essas inferências surgem regularmente, Grice as classifica como implicaturas generalizadas. Por outro lado, temos inferências que são altamente dependentes de contexto e, inclusive, de outros conhecimentos (o que a literatura tem chamado de *common ground*, isto é, “conhecimentos mutuamente compartilhados pelos interlocutores”, como define Goldnadel). O autor do capítulo ilustra esse fenômeno com a sentença *ele é hinduísta*, que pode gerar diferentes tipos de implicaturas, dependendo do tipo de situação em que a inserimos.

A terceira parte do livro, que trata de Enunciação, possui dois capítulos. O primeiro faz uma leitura das ideias de Émile Benveniste, enquanto o segundo trata da Teoria das Operações Enunciativas, abordagem desenvolvida por Antoine Culioli.

Na primeira parte do capítulo 3, Valdir Flores traz algumas noções gerais da teoria enunciativa de Benveniste. O autor inicia destacando que não podemos entender essa teoria no sentido costumeiro que a Filosofia da Ciência atribui ao termo, pois as ideias do pensador franco-sírio não formam um conjunto sistemático de conceitos e métodos para se estudar a linguagem. Assim, essa seção faz uma contextualização da obra principal do autor, publicadas nos seus livros *Problemas de linguística geral I* (BENVENISTE, 1988) e *Problemas de linguística geral II* (BENVENISTE, 1989), advertindo para flutuações no uso de conceitos como o de *enunciação*, em seguida sugere uma categorização do conjunto dos textos publicados naqueles dois volumes em três momentos: a) 1º momento - pessoa/não-pessoa; b) 2º momento – semiótico/semântico; c) 3º momento – aparelho formal de enunciação. Por fim, a seção destaca que Benveniste propunha uma teoria geral da significação, e que a enunciação pode estar estanciada nos vários níveis de análise linguística (lexical, sonoro, morfológico e sintático) e que ele via como inseparáveis o homem, a linguagem e a cultura – uma tríade que caracteriza sua teoria da linguagem.

A segunda parte desse capítulo vai discutir algumas noções operacionais e sugerir formas de aplicação no estudo linguístico, baseando-se principalmente no texto *O aparelho formal da enunciação*, pois, para Flores, nesse trabalho Benveniste condensaria muitas discussões feitas em textos anteriores, especialmente os conceitos de Enunciação e pessoa/não-pessoa. Sobre o primeiro conceito, o autor parafraseia Benveniste da seguinte forma: “A enunciação é o ato de produzir um enunciado. O ato coloca em destaque a mobilização que o locutor faz da língua. Essa mobilização determina as marcas linguísticas da enunciação.” (p. 153).

Para Benveniste interessa particularmente o que ele chamou de Aparelho Formal da Enunciação, com seus elementos necessários (que todas as línguas apresentariam) e elementos incidentais (que são particulares). A partir daí Flores identifica três elementos que

me parecem centrais – o ato, a situação e os instrumentos –, elementos que devem ser descritos no estudo da enunciação, e parte para a descrição desses elementos. Em seguida, passa-se para uma rápida discussão das principais categorias enunciativas: a pessoa, o espaço e o tempo.

O capítulo escrito por Márcio Romero trata da Teoria das Operações Enunciativas, abordagem desenvolvida pelo linguista francês Antoine Culioli. O capítulo se divide em três segmentos, tratando de noções gerais, noções operacionais e conclui aprofundando as noções gerais.

Na seção que trata das noções gerais, a autora discute conceitos tais como *representação*, *invariança*, *enunciado*, *enunciação*, *noção*, *ocorrência* e *atividade epilinguística*. O primeiro, o conceito de *níveis de representação*, engloba a relação entre a linguagem e as línguas. Para a autora “trata-se [...] de entender como as representações mentais são desencadeadas e apreendidas pelas línguas”. (p. 177). A teoria postula um nível de ordem cognitiva, um nível linguístico (reconstrução do nível cognitivo) e um nível metalinguístico (este último faz mediação entre os dois primeiros, sendo fruto do trabalho de análise do linguista). O conceito seguinte é o de *invariância*, que tenta abarcar o que se mantém apesar da variação translinguística na relação entre as línguas e a linguagem. A autora ressalta que essa preocupação não é da mesma natureza da abordagem gerativa, que vê nas realizações particulares manifestações de propriedades cognitivas gerais ou universais. Nas palavras da autora, “[...] a invariância consiste em um conjunto de relações (entre termos) que se mantém estáveis sob diferentes transformações”. (p. 183)

A seção seguinte discute algumas noções operacionais, tais como *glosa*, *forma esquemática*, *figura nocional* e *operações de determinação QNT-QLT*. Essas noções são apresentadas, e sua aplicabilidade é exemplificada na análise de verbos como *partir*. Esse verbo apresenta pelo menos dois usos, um que significa algo como “cortar” (e.g. *Em 1978, um homem partiu a estatueta [da virgem] em mais de 100 pedaços*) e outro que significa “ir-se embora” (e.g. *A ordem de assassinato partiu do governo; Não parta!*), além de outros usos que não se enquadram exatamente em nenhum desses sentidos. Assim, a forma esquemática visa capturar a identidade semântica do verbo, não o seu sentido, mas sua “forma abstrata invariante” (p. 201). No caso de *partir*, sua forma esquemática é a seguinte: “Dada uma UNIDADE(X), em que UNIDADE se lê como elementos unidos (Y), PARTIR exprime a UNIDADE desunida”. (p. 201). Na análise dos verbos do segundo grupo, em que *partir* exprime deslocamento espacial, a análise sustenta que há uma relação de UNIDADE entre o ‘termo localizado’ e um ‘sítio que o localiza’. Outro exemplo analisado é o verbo *quebrar*.

A parte dessa seção em que se apresentam e se aplicam os conceitos de QNT e QLT na análise dos verbos é extremamente densa. A própria autora tem consciência disso e afirma que a seção demandaria maior tempo de estudo por parte do leitor. A densidade dessa parte, creio, prejudica um pouco o caráter do texto. Nesse sentido, a grande quantidade de citações diretas ao longo do capítulo todo também é estilisticamente problemática para um texto com pretensões didáticas.

O capítulo se encerra com a apresentação dos conceitos de *intersubjetivo* e *transindividual*, noções que visam capturar o papel do sujeito na linguagem. O conceito de intersubjetivo corresponde às relações entre os níveis I e II enquanto o conceito de transindividual seria a “parte coletiva da própria comunicação” (p. 222).

Todos os capítulos são concluídos com exercícios e sugestões de leitura, contribuindo para tornar o livro um importante instrumento didático, seja no seu eventual uso em disciplinas na graduação ou como estudo individual para o pesquisador interessado em conhecer noções básicas dessas áreas. Mas vejo um descompasso, , entre os dois primeiros capítulos e os dois últimos. Os capítulos de Semântica e Pragmática sugerem poucas obras, enquanto os capítulos de Enunciação sugerem uma lista extensa de artigos e livros, o que, a meu ver, dificulta um pouco o trabalho do estudante que queira se iniciar nessas áreas.

## REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Trad. de M. da G. Novak e M. L. Neri. Campinas: Pontes, 1988.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. Trad. de E. Guimarães et alii. Campinas: Pontes, 1989.

CÂMARA JR. J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. ed. crítica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. *Introdução à semântica lexical*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

FLORES, V. N. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

FLORES, V. N. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2014.

GRICE, P. *Studies in the way of words*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1989. p. 213-223.

PERINI, M. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

ROMERO, M.; BIASOTTO-HOLMO, M. (org.). *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

SCHWINDT, L. C. (org.). *Manual de Linguística: fonologia, morfologia e sintaxe*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance: communication and cognition*. Oxford: Blackwell, 1995.



Recebido em 22/04/2020. Aceito em 08/10/2020.